

Um diálogo interessante

- Ah, você é Espírita? Que legal. Frequenta algum centro?
- Sim, frequento um perto da minha casa.
- E o que vocês fazem lá?
- Ah, a gente assiste palestra sobre o Evangelho, depois toma passe... Aí a gente faz algumas preces, e vai embora. Tem também a evangelização infantil.
- Aaah... Então é tipo uma igreja católica.
- Não! Porque o Espiritismo não tem ritual.
- Ué?! Mas é igualzinho. Na igreja, você chega, houve o sermão sobre o Evangelho, depois recebe a hóstia, depois reza, e vai embora. As crianças participam da catequese.
- Não, mas...
- Admita, é igualzinho. Até a evangelização, que eu sei que tem um aspecto positivo, é feito dessa forma meio impositiva, não? Mas o que me estranha é que eu já estudei um pouco do Espiritismo, só que nunca frequentei um centro... E, pelo que estudei, não tinha nada disso no Espiritismo. Por exemplo: vocês fazem evocação de Espíritos para ajudá-los?
- Não, não pode evocar Espíritos, porque você pode terminar obsedado.
- Nossa! Quem te disse isso?
- Ué?! Todo mundo do centro! A própria FEB diz isso!
- Ah, a FEB... Mas... Se o próprio Kardec evocava Espíritos para aprender com eles, Espíritos até de suicidas, e muitas vezes terminava ajudando-os a refletir?!
- Ah, mas isso era em um grupo controlado, e esses Espíritos já estavam mais tranquilos. E era Kardec.
- Não foi o que eu li. E não era só Kardec que evocava. Você sabia que, naquela época, as pessoas praticavam estudos, com evocações até de Espíritos

perturbados, em seus lares, em pequenos grupos?

- Nossa, e eles não ficavam obsedados, se sentindo mal, por esses Espíritos inferiores?

- Olha, inferior todos somos, em relação aos Espíritos mais adiantados. E não, não ficavam obsedados nem passavam mal. Na verdade, muitas vezes ajudavam esses Espíritos, enquanto aprendiam com eles.

Tem uma evocação, por exemplo, desse suicida, que foi apenas alguns dias após sua morte, e ele demonstrou estar em plena perturbação. Kardec fez algumas perguntas, tentando entender o que se passava com esse Espírito e, com essas perguntas, ele entendeu alguma coisa. Depois pediu preces e se despediu, porque não queria falar mais. Concordo que é necessário seriedade e controle, mas nunca Kardec mencionou nenhum dos médiuns ficando obsediado enquanto tentavam aprender, com a análise da situação de Espíritos como esse, e até de assassinos!

- Assassinos?!

- Sim! Tem uma evocação do Assassino Lemaire, procure lá na Revista Espírita de 1858, é muito interessante.

- E você disse que evocavam DIAS após a morte?

- Sim. Algumas vezes, horas depois!

- Horas?! Mas eu sempre ouvi que, além de não poder evocar, tem que esperar com paciência para esse Espírito ganhar a luz e vir se comunicar por vontade própria.

- Isso não é verdade. Tudo depende da finalidade. Como a intenção era analisar esses Espíritos de forma psicológica, não havia problema. Além disso, é claro que eles respeitavam a vontade dos Espíritos. Muitas vezes eles não queriam falar dos seus sofrimentos. Tem outro problema aí: Kardec sempre demonstrou que ficar à disposição de qualquer Espírito traz o perigo de comunicações sem finalidade, muitas vezes enganosas.

Mas então vocês não fazem evocações no centro?

- Não. Até tem uma reunião de médiuns, mas é fechada para o público.

- Ah, natural. Mas lá eles evocam, então, para aprender e ajudar?
- Não, não. Eles ficam à disposição de qualquer Espírito que queira se comunicar. Esses dias mesmo, receberam a comunicação do Apóstolo João!
- Como eles sabem que era João, e não outro? Eles depois questionaram o Espírito guia do grupo?
- Espírito guia? Não, o Espírito DISSE que era João, o apóstolo, e falou em Jesus e sobre a necessidade de fazermos muita prece, porque a data limite está chegando.
- Ah... Mas... E se esse Espírito estivesse usando o nome do apóstolo e palavras bonitas para passar ensinamentos errados?
- Ah, mas...
- E em casa, vocês praticam o Espiritismo?
- Como assim, praticar?
- Estudar, evocar Espíritos para fins de aprendizado com a análise das situações deles...
- Se a gente não evoca nem no centro, acha que vamos evocar em casa? Sai fora! Vai que um Espírito resolve ficar por lá?
- Como assim, "ficar por lá"? Os Espíritos estão por toda parte. Com certeza tem alguns aqui agora mesmo.
- Valha-me Deus!
- Sim, claro! E eles são atraídos por afinidade de pensamentos. Se a evocação é feita com intuito sério e com conhecimento, não há problema. O errado é evocar por brincadeira ou com leviandade. Se quem evoca é orgulhoso, por exemplo, um Espírito leviano pode se apresentar e dizer coisas que alimentem esse orgulho. Aí, sem estudo, e com vontade de cultivar o próprio orgulho, o sujeito entra na do Espírito e termina fascinado. Esse é o perigo, mas isso pode acontecer até pela intuição, de forma indireta.
- Nossa, não sabia disso. Eu já tinha ouvido que, se evocar um Espírito

perturbado, ele “cola” em você.

- Não, claro que não. Depende da intenção e do preparo. Bom, mas pelo menos existe estudo nesse centro? Tipo, estudar as obras de Kardec, a Revista Espírita...

- Revista Espírita? Que é isso? Não, a gente estuda obras do Chico e do Divaldo, até porque a gente sabe que as obras de Kardec estão ultrapassadas em muitos pontos, né?!

- Ultrapassadas? Meu amigo, eu sei que até tem coisas bonitas e corretas nessas obras mediúnicas, mas elas foram resultados de comunicações sem controle. Como, sem estudar Kardec, eles recomendam o estudo de obras mediúnicas? Espiritismo é ciência!

- Ciência? Não! Espiritismo é religião!

- Não era o que Kardec demonstrava. Você já leu A Gênese?

- Nossa, já dei uma folheada, mas muito difícil e, como eu disse, ultrapassada! Imagine que eles acreditavam que tinha vida na lua!!

- Mas, amigo, isso era coisa da ciência humana da época. Só que tem a parte da ciência espírita.

- Ciência Espírita?

- Sim, aquilo que foi desenvolvido pelo estudo metodológico de Kardec, com o uso da razão e com a necessidade da confirmação universal dos ensinamentos dos Espíritos. Mas, assim, se existe um grupo de médiuns na casa, como ele se formou?

- Ah, eles são médiuns bem antigos da casa, e o grupo é fechado.

- Mas e a mediunidade das outras pessoas?

- Ah, se aparecer algum médium “bom” por lá, ele tem que passar por um curso de 5 anos de Espiritismo!

- Mas que curso, se não estudam Kardec?

- Não, aí, lá, tem umas cartilhas da FEB, onde aborda Kardec...

- Pelo menos alguma coisa!
- E aí tem o complemento com obras mediúnicas. Você já viu as obras do Ramatis, sobre mediunidade??
- Meu Deus...
- Quê?
- Amigo, Ramatis é um pseudossábio.
- Pseudo o que?
- Quer dizer que ele se faz passar por sábio, mas tem vários absurdos nessas obras. A gente nem sabe, na verdade, se é só um Espírito, porque qualquer um pode usar esse nome.
- Mas eu já vi algumas coisas dele, pareciam coerentes
- Coerentes? Bom, sendo um Espírito, é claro que alguma coisa ou outra haverá de verdade... Mas o problema é que aceitam o que esse ou esses Espíritos dizem sem nem raciocinar! Essas obras são misticistas, e não doutrinárias.
- Como não são doutrinárias? A mesma coisa que ele diz, muitos outros também dizem. Não é isso?
- Não só isso. É preciso submeter isso à razão, o que demanda conhecimento. Aquilo que já está estabelecido por esse processo, só pode ser desfeito pelo mesmo processo, isto é, não basta que digam a mesma coisa em todo lugar, quando não há controle, nem método, nem racionalidade. Por exemplo: Ramatis fala sobre sete corpos espirituais, o que é místico - sabe aquelas coisas de números bíblicos, cabalísticos? Então!

Kardec já demonstrou, pelos estudos junto aos Espíritos e de forma científica, que o que existe é o perispírito, formado pelo fluido cósmico universal. Só isso. Essa história de sete corpos, além de tudo, é materialista.

- Amigo, eu não tô entendendo mais nada! Quer dizer que tudo o que me disseram é errado?
- Nem tudo, mas grande parte. Quando o Espiritismo foi disseminado no Brasil, o

Movimento Espírita já estava desgastado e enfraquecido, por uma adulteração de princípios após a morte de Kardec.

Bom, a pergunta é a seguinte: você tem vontade de estudar, ou está confortável com o que vive nesse centro?

- Ah, eu me sinto bem, e é tão difícil tentar entender Kardec!

- Realmente, tem coisas difíceis de entender em Kardec. Mas o estudo dedicado da Revista Espírita, de 1858 a 1864, ajuda a entender muito! Além disso, existem muitos grupos de estudo, e eu mesmo participo de um. Mas, veja, são grupos de estudo. Não tem professor, nem é curso.

Dê uma chance, estude, e sua razão te levará, com a intuição dos bons Espíritos, pelo caminho mais adequado a você.

- É... Vou pensar...

Não quis dar título a esse texto. Não precisamos dar nomes taxativos. Basta que entendamos a distância que existe entre o Movimento Espírita e o Espiritismo. Essa distância precisa ser vencida pelo diálogo, pelos fatos, mas somente por aqueles abertos ao diálogo e ao aprendizado. Não adianta lutar contra os renitentes.

RESUMO DA LEI DOS FENÔMENOS ESPÍRITAS por Allan Kardec

Obra de 1864 de Kardec: Resumo da Lei dos Fenômenos Espiritas

A distância entre o Espiritismo e o Movimento Espírita

Uma correspondente questionou a respeito do que seria essa suposta distância, por nós sempre afirmada, entre a Doutrina Espírita e o Movimento Espírita.

A ela, podemos responder desta forma, para exemplificar para todos:

“B..., isso é algo que cada um precisa realmente estudar ou buscar se informar, principalmente sobre as obras citadas ((

- No sentido das alterações doutrinárias: O Legado de Allan Kardec, de Simoni Privato; Nem Céu Nem Inferno, de Paulo Henrique de Figueiredo; Ponto Final, de Wilson Garcia
 - No sentido do conhecimento sobre o contexto doutrinário: Autonomia: a história jamais contada do Espiritismo, de Paulo Henrique de Figueiredo;
 - No entendimento real da Doutrina, na essência proposta por Kardec, através dos estudos: O Céu e o Inferno e A Gênese, ambos da editora FEAL, pois os outros são as versões adulteradas, ainda.)) , porque compreender e, daí, assumir novo posicionamento, precisa ser uma **ação autônoma**. Contudo, posso ressaltar algumas diferenças capitais entre Doutrina Espírita (DE) e Movimento Espírita atual (ME):
-
- Evocações dos espíritos: DE foi formada sobre elas e demonstrou a necessidade de serem realizadas, com método, para continuar seu desenvolvimento; ME recomenda não fazer, provocando uma onda de médiuns que ficam apenas “à disposição”, portanto, sem controle nem objetivo de aprendizado.
 - Generalidade do ensino: DE demonstrou a necessidade de desenvolver o estudo espírita através do método do duplo controle: universalidade e concordância do ensino e julgamento racional; ME, contagiada por Roustaing, que via um perigo nesse método (que desmentiria suas

teorias), passou a tomar comunicações isoladas como expressão da verdade, sem raciocinar.

- Vida do Espírito na erraticidade: DE demonstrou que emoções e sensações físicas somente existem para o Espírito apegado; ME passou a ensinar um mundo espiritual totalmente materializado, criando, assim, ideias de apego nocivas ao Espírito que desencarna.
- Necessidade da encarnação: DE demonstrou que a encarnação é uma necessidade para o progresso do Espírito, na qual ele, mesmo que involuntariamente, faz seu papel solidário na criação. Afastou os conceitos de castigo e punição como uma ação arbitrária de Deus, demonstrando que tudo é fruto da escolha do Espírito consciente; ME, sob influência roustainguista, inseriu os falsos conceitos de carma, resgate, lei de ação e reação e lei do retorno.
- Heteronomia x autonomia: DE demonstrou, em toda ela, que o Espírito se desenvolve de forma autônoma, sendo ele o autor primeiro, senão o único, de suas escolhas; ME, influenciada por Roustaing, passou a tratar da vida de forma heterônoma - se sofro é porque estou recebendo o retorno; se tenho alegria é porque fui abençoado, etc.
- Caridade: DE demonstrou que a caridade é uma ação desinteressada, fruto do dever do Espírito que, conscientemente, se move em direção ao bem; ME passou a tratar da caridade como uma ação externa, quase sempre apenas material. Por ausência de estudos da DE, ME deixa de fazer o bem que poderia fazer para auxiliar no desenvolvimento da sociedade pelas ideias espíritas.
- Moral: DE demonstrou que, todos criados simples e ignorantes, os Espíritos se desenvolvem errando e acertando, através das encarnações, escolhendo entre agir desta ou daquela forma. Não há dualidade entre bem e mal. Alguns escolhem repetir o erro, desenvolvendo imperfeições das quais muito custarão a se desvencilhar, através do trabalho reencarnatório, em uma ação consciente e autônoma; ME, influenciada por Roustaing, passou a tratar da encarnação como um castigo, como se todos os Espíritos que encarnam fossem imperfeitos.
- Método: DE sempre demonstrou a forma como ela própria se desenvolveria: pelo estudo das ciências humanas, confrontadas, pela razão, com os ensinamentos espíritas, na troca de informações com grupos idôneos espalhados por todo o mundo; já a ME praticamente não estuda os fundamentos da DE, se isolou nos centros em rotinas que

compreendem: monólogos, quase sempre recheados de todos os erros apontados anteriormente; passes, sem conhecimento do magnetismo; e sessões mediúnicas que, sem método e sem estudos, perdem o propósito e a utilidade que realmente poderiam ter.

E por aí vai.”

Vemos que as diferenças entre a Doutrina Espírita, em sua origem, e o que hoje professa ou acredita o Movimento Espírita, são profundas e, quase sempre, danosas à propagação da Doutrina. Cabe, portanto, o esforço voluntário de cada um no estudo honesto e desapegado, bem como na divulgação fraterna e cooperativa do conhecimento.

Complementando as obras citadas, não podemos deixar de apontar a necessidade do estudo da Revista Espírita, que demonstra como se deu a formação da Doutrina Espírita.

E depois da morte?

A pergunta sempre frequente é: O que será que acontece no futuro do nosso Espírito? O que nos acontece depois da morte? Será que vamos para o Céu Iluminado? Ou será que o Inferno é nosso destino? Quem decide para onde seguimos? Será que encontramos os seres que nos são caros?

O ser humano sempre perseguiu a ideia do que ocorrerá no futuro do seu Espírito. E talvez seja a pergunta mais frequente no meio espírita.

O estudo aprofundado do livro [O Céu e O Inferno, ou a Justiça Divina Segundo o Espiritismo](#), nos faz entender cada vez mais a Doutrina Espírita. Na **primeira parte**, seu **capítulo VIII** sob o título **As Penas Futuras Segundo o Espiritismo** praticamente encontramos a compilação de toda Doutrina tornando-o como se fosse seu coração, ou seja, a parte principal. Ali existe uma série de 25 itens onde cada um foi desenvolvido ao longo de toda a obra, menos, claro da Genese, que foi publicada após. Os 25 itens elucidam o que acontece ao nosso Espírito após o

desencarne. As explicações vieram através de inúmeros Espíritos desencarnados em milhares de comunicações, de vários lugares do mundo, por muitos médiuns distintos. Kardec, através da Revista Espírita, mostrou uma quantidade considerável das comunicações.

A particularidade desse livro é justamente trazer, diante desse material todo, as conclusões de todas as comunicações estudadas. Além disso, na segunda parte do livro, é apresentado muitas dessas mensagens. O conteúdo dessas, publicadas no livro O Céu e o Inferno, é assunto para outro momento.

Voltemos ao capítulo VIII da primeira parte do livro. Ele começa fazendo importantes considerações, que colocamos aqui na íntegra:

Estando a sorte das almas nas mãos de Deus, ninguém pode neste mundo, por sua própria autoridade, decretar o código penal divino. Qualquer teoria não é mais que uma hipótese que só tem o valor de uma opinião pessoal e, por isso mesmo, pode ser mais ou menos engenhosa, racional, bizarra ou ridícula. Somente a sanção dos fatos pode conferir-lhe autoridade, fazendo-a passar à condição de princípio.

Na ausência de fatos apropriados para definir sua concepção acerca da vida futura, os homens deram curso à sua imaginação e criaram essa diversidade de sistemas de que compartilharam, e compartilham ainda, as crenças. Se alguns homens de elite, em diversas épocas, entreviram um lado da verdade, a massa ignorante permaneceu sob o império dos preconceitos que geralmente lhe eram impostos. A doutrina das penas eternas está nesse número. Essa doutrina teve sua época; hoje ela é repelida pela razão. O que colocar em seu lugar? Um sistema substituído por outro sistema, ainda que mais racional, sempre terá apenas maior probabilidade, mas não a certeza. É por isso que o homem, chegado a

este período
intelectual que lhe permite refletir e comparar, não encontrando nada que
satisfaça
completamente sua razão e responda às suas aspirações, vacila indeciso. Uns,
apavorados
pela responsabilidade do futuro e querendo gozar o presente sem
constrangimento, procuram enganar-se e proclamam o nada após a morte,
crendo assim manter a consciência tranquila;
outros estão na perplexidade da dúvida; o maior número crê em algo, mas não
sabe
exatamente no que crê.

Um dos resultados do desenvolvimento das ideias e dos conhecimentos
adquiridos é o
método científico⁹⁶. O homem quer crer, mas quer saber por que crê. Ele não
se deixa mais
levar por palavras. Sua razão vigorosa quer algo mais substancial que teorias.
Em uma
palavra, ele necessita dos fatos.

Deus, então, julgando que a humanidade saiu da infância, e que o homem está
hoje maduro
para compreender verdades de uma ordem mais elevada, permite que a vida
espiritual lhe seja
revelada por fatos que põem um termo às suas incertezas, fazendo cair os
andaimes das
hipóteses⁹⁷. É a realidade após a ilusão.

A Doutrina Espírita, no que se refere às penas futuras, não é mais fundada
sobre uma teoria
preconcebida do que suas outras partes. Em tudo ela se apoia sobre
observações, sendo isso o
que lhe dá autoridade. Ninguém então imaginou que as almas, após a morte,
devessem se
encontrar nesta ou naquela situação. São os próprios seres que deixaram a
Terra que vêm hoje
- com a permissão de Deus e porque a humanidade entra numa nova fase - nos
iniciar nos
mistérios da vida futura, descrever sua posição feliz ou infeliz, suas impressões
e sua transformação na morte do corpo. Os espíritos vêm hoje, em suma,

completar nesse ponto o ensino do Cristo.

Não se trata aqui da relação de apenas um espírito que poderia ver as coisas somente de seu

ponto de vista, sob um único aspecto, ou ainda estar dominado pelos preconceitos terrestres,

nem de uma revelação feita a um único indivíduo que poderia se deixar enganar pelas

aparências, nem de uma visão extática que se presta às ilusões e é com frequência apenas o

reflexo de uma imaginação exaltada⁹⁸, mas de inúmeros intermediários disseminados sobre

todos os pontos do globo, de tal sorte que a revelação não é privilégio de ninguém, que cada

um pode ao mesmo tempo ver e observar, e que ninguém é obrigado a crer pela fé de outrem.

As leis que daí decorrem são deduzidas apenas da concordância dessa imensidade de

observações; esse é o caráter essencial e especial da Doutrina Espírita⁹⁹.

Jamais um princípio

geral é retirado de um fato isolado ou da afirmação de um único espírito, ou do ensinamento dado a um único indivíduo, ou de uma opinião pessoal. Qual seria

o homem que poderia crer-

se suficientemente justo para medir a justiça de Deus?

Os numerosos exemplos citados nesta obra para estabelecer a sorte futura da alma poderiam

ser multiplicados ao infinito, mas, como cada um pode observar outros análogos, seria

suficiente de certa forma dar os tipos das diversas situações. Dessas observações, podem-se

deduzir as condições de felicidade ou infelicidade na vida futura; elas provam que a

penalidade não falta a nenhuma prevaricação e que, conquanto não seja eterno, o castigo não

é menos terrível segundo as circunstâncias.

Allan Kardec, O Céu e o Inferno

Nota: Allan Kardec define os pressupostos da ciência espírita. Toda teoria, seja proposta por um homem ou um espírito, é uma opinião pessoal. As hipóteses vão do engenhoso ao ridículo. Por isso, o Espiritismo se fundamenta na observação dos fatos, em milhares de depoimentos, para extrair deles os princípios gerais, confirmando o ensinamento dos bons espíritos. É a universalidade do ensino dos espíritos. (Nota 94 de *O Céu e o Inferno* do editor Paulo Henrique de Figueiredo)

Observem como essa introdução explana o pensamento científico baseado totalmente nos fatos. Não há dogma, não há profetas, não há fantasia.

Depois dessa criteriosa introdução, Allan Kardec segue enumerando os princípios gerais que os muitos Espíritos deram. Eles aparecem de forma progressiva. Eles os definiu como a representação da lei da justiça divina.

Segundo estudamos, não há um sistema estático, um padrão geral onde o futuro seja um Céu Iluminado ou as Escuridão das trevas do Inferno. Mas se voce, leitor, fizer o estudo, vai conseguir chegar às suas próprias conclusões.

Nós o convidamos a leitura e reflexão! Vale muito a leitura.

Bicorporeidade

Relato e explicação do fenômeno da Bicorporeidade

Ensinos de Sacerdote Egípcio

Segunda evocação de Mehemet Ali

O Espírito de um soldado morto em guerra: o Tamborista de Beresina

O Tambor de Beresina é uma das mais interessantes comunicações relatadas na RE de 1858. Vale a leitura!

Lição de Caligrafia

Nesse artigo, Kardec apresenta o seguinte caso: tendo o médium Sr. D. apresentado um fenômeno muito interessante - o de escrever com uma caligrafia muito melhor quando inspirado pelos Espíritos - um dos membros da Sociedade, Dr. V. , teve a ideia de evocar o Espírito de um calígrafo, Bertrand, para fins de observação.

Segundo O livro dos Médiuns,

270. Quando se deseja comunicar com *determinado* Espírito, é de toda necessidade evocá-lo. (item 203.) Se ele pode vir, a resposta é geralmente: *Sim*, ou *Estou aqui*, ou, ainda: *Que quereis de mim?* Às vezes, entra diretamente em matéria, respondendo de antemão às perguntas que se lhe queria dirigir.

271. Surpreende, não raro, a prontidão com que um Espírito evocado se apresenta, mesmo da primeira vez. Dir-se-ia que estava prevenido. É, com efeito, o que se dá, quando com a sua evocação se preocupa de antemão aquele que o evoca. Essa preocupação é uma espécie de evocação antecipada e, como temos sempre conosco os nossos Espíritos familiares, que se identificam com o nosso pensamento, eles preparam o caminho de tal sorte que, se nenhum obstáculo

surge, o Espírito que desejamos chamar já se acha presente ao ser evocado.

Mas será que há perigo em Evocar Espíritos?

278. Uma questão importante se apresenta aqui, a de saber se há ou não inconveniente em evocar maus Espíritos.

Kardec, OLM

“Isso depende do fim que se tenha em vista e do ascendente que se possa exercer sobre eles. O inconveniente é nulo, quando são chamados com um fim sério, qual o de os instruir e melhorar; **é, ao contrário, muito grande, quando chamados por mera curiosidade ou por divertimento, ou, ainda, quando quem os chama se põe na dependência deles, pedindo-lhes um serviço qualquer.** Os bons Espíritos, nesse caso, podem muito bem dar-lhes o poder de fazerem o que se lhes pede, o que não exclui seja severamente punido mais tarde o temerário que ousou solicitar-lhe o auxílio e supô-los mais poderosos do que Deus. Será em vão que prometa a si mesmo, quem assim proceda, fazer dali em diante bom uso do auxílio pedido e despedir o servidor, uma vez prestado o serviço. **Esse mesmo serviço que se solicitou, por mínimo que seja, constitui um verdadeiro pacto firmado com o mau Espírito e este não larga facilmente a sua presa.**” (Veja-se o item 212.).

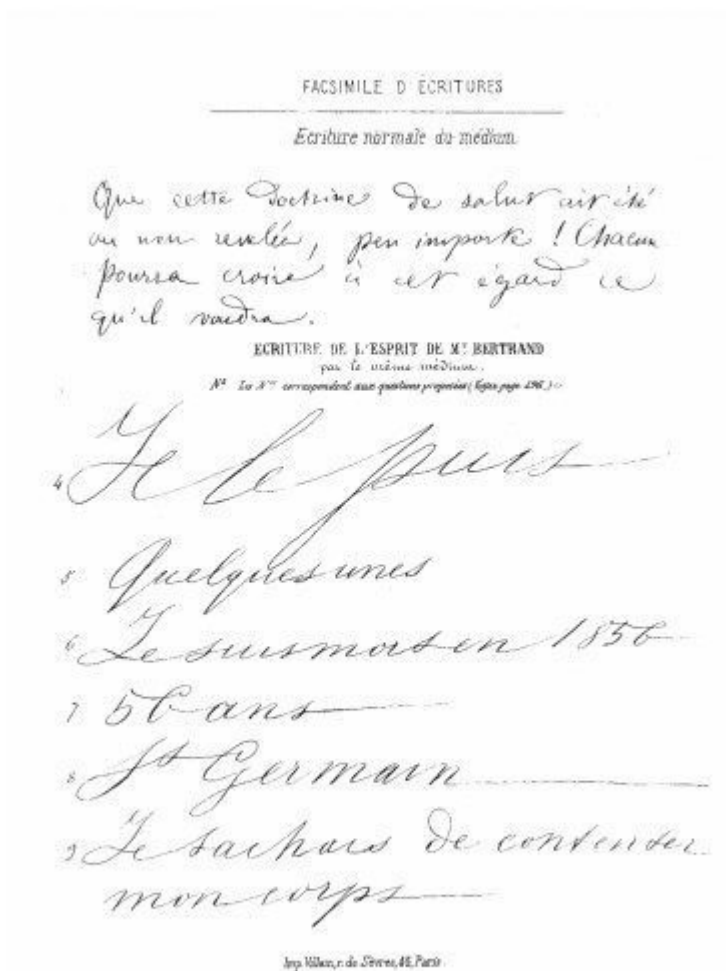
279. Ninguém exerce ascendentes sobre os Espíritos inferiores, senão pela superioridade moral. Os Espíritos perversos sentem que os homens de bem os dominam. Contra quem só lhes oponha a energia da vontade, espécie de força bruta, eles lutam e muitas vezes são os mais fortes. A alguém que procurava domar um Espírito rebelde, unicamente pela ação da sua vontade, respondeu àquele: Deixa-me em paz, com teus ares de matamouros, que não vales mais do que eu; dir-se-ia um ladrão a pregar moral a outro ladrão.

282. 11.^a. Haverá inconveniente em se evocarem Espíritos inferiores? E será de temer que, chamando-os, o evocador lhes fique sob o domínio? “Eles não dominam senão os que se deixam dominar. Aquele que é assistido por bons Espíritos nada tem que temer. Impõe-se aos Espíritos inferiores e não estes a ele. **Isolados, os médiuns, sobretudo os que começam, devem abster-se de tais evocações.** (item 278.)

Continuando com o artigo, onde o medium traz a comunicação:

3. – Sabe o principal objetivo que nos levou a pedir sua vinda? – *Não, mas desejo sabê-lo.*

OBSERVAÇÃO: O Espírito do Sr. Bertrand ainda se acha sob a influência da matéria, como seria de supor-se, dada a sua vida terrena. Sabe-se que tais Espíritos são menos aptos a ler o pensamento do que os já mais desmaterializados.



Daí em diante, o Espírito continua dando mais alguns detalhes sobre sua vida. Em linhas gerais, ele demonstrava um arrependimento por ter usado mal, ou ao menos não tão bem quanto podia, o seu tempo encarnado:

9. – Qual foi o seu gênero de vida? – *Procurava satisfazer às necessidades do corpo.*

10. – Cuidava um pouco das coisas de Além-Túmulo? – *Quase nada.*
11. – Lamenta não pertencer mais a este mundo? – *Lamento não haver bem empregado a minha existência.*
12. – É mais feliz do que na Terra? – *Não. Eu sofro pelo bem que deixei de fazer.*
13. – Que pensa do futuro que lhe está reservado? – *Penso que me é necessária toda a misericórdia de Deus.*
14. – Quais as suas relações no mundo em que se encontra? – *Relações lamentáveis e infelizes.*
15. – Quando vem à Terra, há lugares que frequenta, de preferência a outros? – *Procuro as almas que se condoem de minhas penas ou que oram por mim.*
17. – Diz-se que em vida foi muito pouco tolerante. É verdade? – *Eu era muito violento.*
18. – Que pensa do objetivo de nossas reuniões? – *Gostaria muito de tê-las conhecido em vida. Elas me teriam tornado melhor.*
19. – Vê aí outros Espíritos? – *Sim, mas me sinto muito confuso em sua presença.*
20. – Rogamos a Deus que o tenha em sua santa misericórdia. Os sentimentos que acaba de externar devem permitir que ache graça diante dele. Não duvidamos que o ajudem em seu progresso.

OBSERVAÇÃO: Os ensinamentos fornecidos pelo Espírito do Sr. Bertrand são absolutamente exatos e concordes com o gênero de vida e o caráter que lhe conheciam. Apenas ao confessar sua inferioridade e seus erros, a linguagem é **mais séria e mais elevada do que se poderia esperar**. Mais uma vez temos a prova da penosa situação dos que na Terra são muito apegados à matéria. **É assim que os próprios Espíritos inferiores por vezes nos dão, pelo exemplo, valiosas lições de moral.**

Suicídio Por Amor

Caso de Louis G. que se suicidou por amor. Ensinamentos morais de São Luís.

Os Talismãs

Neste artigo, Kardec desmistifica os talismãs e medalhas